

1. IDENTIFICAÇÃO DO BEM

Designação: Casa do Moleiro, em Angeiras de Cima.

Localização: Rua de 3 de Maio e Rua da Cruz, Angeiras de Cima, Lavra

Proprietário: Celestino Dias da Costa.

Categoria: Monumento.

Gradação do interesse cultural: Interesse municipal.

2. MOTIVAÇÃO

A Casa do Moleiro, em Angeiras de Cima é um belo exemplar de casa de lavoura, com as características próprias deste tipo de casa, muito comum numa vasta região litoral entre o Douro e o Ave que se denomina de Terras da Maia. Ao modelo de base foram acrescentados elementos arquitetónicos reveladores da prosperidade dos seus proprietários nos primeiros anos do século XX, mas que também lhe conferiram importância acrescida no conjunto das casas do lugar de Angeiras.

A classificação da casa, como imóvel de interesse municipal, constituirá um estímulo para a preservação das restantes casas de lavoura que conformam o Lugar de Angeiras de Cima, sendo que algumas destas sofreram já intervenções descuidadas, mas que consideramos ainda reversíveis, que resultaram em descaracterizações de maior ou menor relevância.

3. CARACTERIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO TIPOLOGICO DA CASA

A Casa do Moleiro, tem um enorme valor identitário, sendo testemunho vivo de um passado ainda na memória dos mais velhos de um tipo de agricultura intensiva e minuciosa, em explorações familiares, envolvendo a produção de cereais, em especial o milho, culturas alternadas de horta, plantação de batata, o cuidado das árvores de fruto e das vinhas, a criação de gado sem a atividade de pastoreio, mas com grupos pequenos e vigiados de animais, normalmente bovinos.

A casa é parte desse tipo de exploração, comum no noroeste português, que tem o nome de *casal*. O *casal* constitui uma unidade de produção agrícola familiar, que reúne parcelas de campo, prado e vinha, dispersas ou na mesma terra, também resultantes da alternância de cultivo na mesma área, com *bouças* (parcelas de espaços florestados para provimento de mato para as camas do gado e de lenha). No caso particular de Angeiras, esta realidade era complementada com as fainas agro-marítimas de recolha de sargaço e de pesca do pilado (caranguejo em cardumes que desertou da nossa costa na década de 1940), para adubo das terras.

A Casa do Moleiro reproduz a tipologia da casa de lavoura muito presente na região litoral entre o Douro e o Ave, nos territórios dos concelhos de Matosinhos, Maia e Vila do Conde, mas que se pode encontrar também noutras áreas do Noroeste do País. Esta tipologia apresenta elementos que fizeram da casa de lavoura o suporte de toda a intensa atividade agrícola familiar, que convivia com a habitação. Nela se armazenavam as colheitas, se abrigava o gado, se criavam as aves de capoeira, se guardavam e se cuidavam as alfaias e se operavam as atividades de transformação diversas.

A casa de lavoura que encontramos nesta zona é de traçado sóbrio e utilitário, implanta-se à face de rua ou de caminho, para os quais se abre por um portal, inscrito na fachada frontal da casa ou em coberto lateral contíguo, de largura e altura suficientes para passar um carro de bois carregado. Tem planta em geral retangular e telhado de quatro águas. O portal conduz a um espaço coberto - sob o andar sobradado da casa ou em alpendre lateral, conforme o tipo de localização - que abre para um pátio amplo, designado de *quinteiro*. É em torno do *quinteiro* que se distribuem os *aidos* para o gado, as pocilgas, a *casa da eira*, a adega, a *salgadeira*, a loja para as caixas de armazenamento de cereais, as arrecadações de alfaías agrícolas e de palha e erva para o gado. Não raro, o *quinteiro* acolhe os próprios galinheiros ou capoeiras e as medas de mato para a cama do gado. Em geral, a *cabana* de palha do milho (elemento que estava sempre presente nestas casas), o poço e a *eira* localizavam-se fora do *quinteiro*. Para este espaço se abria a cozinha da casa e dele partia a escada exterior de acesso ao andar, onde se localizavam todos os restantes compartimentos da habitação, com exceção da cozinha.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO

Graças à sua localização, a casa é uma referência importante nos antigos eixos direcionais nascente-poente e norte-sul, de ligação, respetivamente, entre Angeiras e Aveleda e entre Angeiras e Labruge. Tem alguns traços arquitetónicos ricos e fecha, por nascente, em conjunto com as construções que lhe são próximas, o antigo casario de Angeiras.

O LUGAR DE ANGEIRAS DE CIMA

Este lugar constitui o maior agrupamento de casas de lavoura existente no território do Concelho. As casas distribuem-se ao longo de uma ligação forte, de orientação nascente-poente, vinda do lugar de Aveleda, próximo, já no concelho de Vila do Conde, e acabando na Praia de Angeiras. Esta ligação nascente-poente desenvolve-se de forma aproximadamente paralela ao leito do Rio Onda, seguindo-o à distância de campos cultivados e áreas arborizadas. O lugar de Angeiras caracteriza-se por ser um aglomerado de casas de lavoura, com uma coesão relativa, rodeado de áreas agricultadas extensas, hoje mais voltadas para o sustento da atividade pecuária.

A ligação para sul far-se-ia por dois caminhos rurais: um, mais a nascente, que hoje constitui a Rua da Cruz, ligando a Cabanelas e, outro, mais a poente, que hoje corresponde à Rua Padre António Francisco Ramos, ligando Angeiras de Cima a Antela e à Igreja Paroquial.

A principal ligação de Angeiras de Cima para norte, fazia-se através do caminho para Aveleda e a partir deste lugar seguia para Labruge. As ligações mais locais, para os lugares mais próximos, a norte do Rio Onda, já no concelho de Vila do Conde, far-se-iam mais remotamente pelo caminho que hoje é denominado de Rua do Carvalhal e, depois, de forma hoje mais consolidada, pela Rua do Moinho do Sol Posto.

O Lugar de Angeiras de Cima caracterizou-se por uma forte ligação ao mar, próximo, com o exercício das atividades agro - marítimas, utilizando o mar como complemento da agricultura. Estas atividades consistiam na apanha do sargaço e do caranguejo pequeno (mexoalho ou pilado), para criação de matéria orgânica para adubo das terras, atividade exercida essencialmente no Verão, acompanhada de alguma pesca à linha.

Apoiaram esta atividade os barracos de sargaceiros, para guardar barcos e apetrechos para o trabalho de apanha do sargaço e do mexoalho ou pilado, muitas delas transformadas em habitações de férias a partir dos anos sessenta do século XX.

A importância do Lugar de Angeiras de Cima deve-se ao número e à qualidade das casas de lavoura que o constituem, bem como à particularidade da sua ligação ao mar.

5. DESCRIÇÃO

Estende ao longo da Rua 3 de Maio um corpo com dois pisos. O topo poente deste corpo constitui fachada voltada à Rua da Cruz; o topo nascente, continua-se por um corpo mais baixo, de dois pisos, que faz a transição de cotas entre o quinteiro da casa e a Rua 3 de Maio. A fachada principal é a da Rua 3 de Maio, na qual se abre o portal retangular de acesso ao quinteiro, que apresenta uma inscrição na padieira com a data de 1902. Esta data corresponderá à da realização de obras relevantes, que terão dado à casa a feição que hoje apresenta.

Do corpo com dois pisos descrito, voltado a norte, partem duas alas com um piso, com áreas de coberto e áreas encerradas: uma, a poente, que confina com a Rua da Cruz, desenvolvendo-se ao longo desta e, outra, a nascente, paralela à primeira, confinante com a propriedade vizinha a nascente. Os três corpos delimitam o quinteiro central. A ala nascente é continuada pelo conjunto da eira e da casa da eira. A sul deste conjunto em forma de U, com o quinteiro ao centro, estende-se a cortinha limitada a nascente pela Rua da Cruz, a sul, por um caminho, designado por Rua de Cima. Esta cortinha prolonga-se para nascente. Nela foi construída uma vacaria, edificação de natureza bastante descuidada.

A casa tem a particularidade de ser uma casa de gaveto (Rua da Cruz, a poente, e Rua 3 de Maio, a norte). Celebra a situação de gaveto com um pequeno plano que marca o encontro do alinhamento da fachada voltada à Rua da Cruz com o da fachada voltada à Rua 3 de Maio, no qual se inscreve uma janela de sacada protegida por um varandim, no andar, alinhada com uma porta de acesso direto à habitação, no rés-do-chão. A esta porta foi acrescentada uma outra, idêntica, na fachada de dois pisos voltada à Rua da Cruz.

No corpo de um piso voltada à Rua da Cruz, abre-se também um portal de serviço que dá para a área de coberto deste corpo e, daqui, ao espaço livre de quinteiro.

A escadaria de acesso à habitação no andar parte do quinteiro (como é comum nestas casas), junto ao limite nascente da ala confinante com a Rua da Cruz, acedendo ao andar na zona média do mesmo.

A casa apresenta alguns elementos de descaracterização que deverão ser substituídos, como sejam, as caixilharias em alumínio lacado na fachada voltada à Rua da Cruz e na janela de sacada do plano que marca o gaveto, bem como, na fachada do andar voltada ao quinteiro.

Também as construções correspondentes à vacaria deverão ser demolidas.

A classificação deverá abranger a área de cortinha, cuja utilização deverá observar o definido no Plano Diretor Municipal, para as áreas com a classificação de *Solo rústico* e qualificação de *Espaços agrícolas*.

Matosinhos, 23 de dezembro de 2020.

António Maia.

6. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO LOCAL

LAVRA

Evolução do povoamento.

Os sinais de ocupação são registados através dos vestígios arqueológicos identificados nas diferentes escavações realizadas. Em função dessa investigação, desses trabalhos, tudo indica que os primeiros sinais de ocupação remontam ao Paleolítico Médio. Porém, a investigação histórica e a arqueológica revelam que o povoamento evoluiu ininterruptamente até aos dias de hoje.

As evidências, da presença humana ao longo da Pré-História recente são testadas pela presença de monumentos megalíticos, como o de Antela e o da Bouça das Porreiras, remetendo esta ocupação para o período Neolítico. Para além destas, existem evidências materiais da presença de um povoado da Idade do Bronze Médio, com mais de 1 hectare de extensão, ocupando o topo e as vertentes Sul e Oeste/ traseiras da igreja, confirmado quer pelos achados encontrados, quer pelas análises de Carbono 14 realizadas num laboratório de S. Tiago de Compostela.

Para o período castrejo, considerado entre o séc. V a. C. e o I século d. C, foi identificado o Castro de Angeiras ou Angeses, sendo este o primeiro nicho de povoamento em Angeiras. Mas a presença de vestígios romanos é muito acentuada, confirmada pela investigação arqueológica, como é o caso dos tanques romanos, e de uma possível necrópole (localizada na rua de Morouços), onde foi encontrada uma sepultura, estando os achados em exposição no Museu Paroquial. Os achados arqueológicos identificados revelam a presença de uma vila romana, localizada entre as traseiras da Igreja e a praia da Forcada.

Para o período subsequente, que corresponde à Alta Idade Média, considerada a partir do século V, Lavra continua a florescer em ocupação. Foram encontrados muitos vestígios e muitos registos escritos, referindo a existência de uma oficina na qual foi cunhada moeda no século VI. De destacar ainda a existência de um Mosteiro ali instalado entre os séculos VIII e XI. As evidências revelaram ainda a presença de uma sepultura de pedras avulsas, datada entre o séc. VIII/IX.

Os registos das Inquirições levadas a cabo no reino em 1258, revelaram que pertenciam à Igreja de Lavra, os lugares de: Lavra, com 24 casais, o lugar de Angeiras ou Angeses, com 18 casais, Cabanelas, com 21 casais e que no limite deste existe o lugar de Avilhosos com 4 casais sendo que metade das terras pertenciam ao rei; Casal, com seis casais, Onda, com 7 casais, Paiço com 8 casais, Pampelido, que corresponde a Pampelido Novo, com 10 casais e meio e finalmente Calvelhe com sete casais.

Concluimos através deste registo a evolução do povoamento, verificando-se a ocupação contínua de alguns lugares e outros formados de novo.

Em 1689, o Prontuário das Terras de Portugal cita que a freguesia de Laura/Lavra é formada pelas aldeias de Antela, Angeiras, Paiço, Cabanelas, Avilhosos, Pampelido e Lavra, não existindo ainda a aldeia da Praia de Angeiras.

Os registos das Memórias Paroquiais de 1758, registam em Lavra 7 aldeias, Pampelido,

Avilhosos, Paiço, Lavra e Antela, sendo Angeiras o lugar mais povoado, seguido de Cabanelas. Verificamos ainda que desapareceram os lugares do Casal, Calvelhe e Onda.

Dos registos monográficos de 1899 feitos por Godinho Faria constam os seguintes lugares: Lavra, Pampelido, Aviloso, Cabanelas, Paiço, Antela, Angeiras, Forcada e Certagem (praias).

De salientar que todas estas aldeias figuram na toponímia local, perpetuando assim os registos de memória local.

Os censos de 1940 registam 126 fogos e uma população com 690 habitantes. Estes censos também assinalam que a praia da Certagem e de Forcada não era habitada.

Através dos achados arqueológicos e das fontes documentais, concluímos que esta freguesia apresenta um valor patrimonial importantíssimo. A casa do Moleiro, foi erguida no lugar de Angeiras, que corresponde ao primeiro nicho de ocupação.

BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, Ana, (2010) – “O Rio da Memória – Arqueologia no Território do Leça”, capítulo II – Comunidades Pré-Históricas da Bacia do Leça, Ed. da Câmara Municipal de Matosinhos, p. 35.

FELGUEIRAS, Guilherme, 1954-Monografia de Matosinhos.

FONSECA, Vítor e TEXEIRA, Ricardo; FONSECA, Jorge; PIEDADE, Marta; PIRES, Conceição e VARELA, José Manuel (2011) – Intervenção Arqueológica - Requalificação da Orla Costeira de Matosinhos, Relatório Final, Empresa Arqueologia e Património - Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia Lda.

LANHAS, Fernando e BRANDÃO, D. Domingos, (1969) – Inventário de Objectos e Lugares com interesse Arqueológico, Parcela 109.4 – Concelho de Matosinhos e Vila do Conde.

PIRES, Conceição (2006) – Joaquim Neves dos Santos o amor pelo Passado, Matosinhos, Edição Edium Editores, p.55.

PIRES, Conceição (2018) Matosinhos do Paleolítico ao século X. Editora Seda

RAMOS, António Francisco (1943) – Lavra - Apontamentos para a sua Monografia, Editado pela Livraria Simões Lopes

RIBEIRO, Orlando – *Opúsculos Geográficos, IV volume: O Mundo Rural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. ISBN 972-31-0110-6

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann – *Geografia de Portugal. volume IV: A Vida Económica e Social*, 1987. 1ª edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1991. ISBN 972-9230-31-5.

SAMPAIO, Alberto – *Estudos Históricos e Económicos. volume I – As Vilas do Norte de Portugal*. 2ª edição. Lisboa: Vega (Coleção Documenta Histórica), 1988, ISBN – 972-699-063-7

SANTOS, Joaquim Neves dos (1959) – *A Torre de Linhares Na Época Romana*, Edição do Autor.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1996) – *A cultura Castreja no Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira / Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins*, p.84.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da e MOREIRA, Álvaro de Brito (2010) – “O Rio da Memória – Arqueologia do Território do Leça”, Cap. IV – A Romanização do Vale do Leça e Cap. III – Proto-História no Vale do Leça, Matosinhos: Edição da Câmara Municipal de Matosinhos, p.106.

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO – *Alguns Elementos das Casas de Matosinhos, Maia e Vila do Conde*, 1958. Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, 1958, n.5, Matosinhos, p. 17-31.

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - *Actividades Agro-Marítimas em Portugal*, 1975. 2.ª edição, Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda.

ISBN: 972-20-0792-0

Câmara Municipal de Matosinhos, 23 de dezembro de 2020.

A Comissão do Património Arquitetónico e Histórico: isabel flores, Conceição Pires, António Maia.

Colaboração: Maria João Rodrigues, João Gomes.